

Arembepe: de refúgio à polo turístico

Jéssica Santos da Silva
Professora da rede estadual da Bahia
Jessica.santos0188@gmail.com

Resumo

A utilização da natureza como recurso para o desenvolvimento de atividades econômicas é inerente as sociedades humanas. No setor de serviços a atividade turística vem se destacando na parcela de arrecadação econômica, isso impulsionado principalmente na pelos investimentos do setor público e privado, de modo a se tornar uma das atividades econômicas de grande destaque em geração de renda no mundo principalmente na sociedade pós industrial. A partir dessa conclusão é importante analisar quais são as modificações que a intensificação dessa atividade pode proporcionar a esses territórios. A escolha do litoral do município de Camaçari como campo de análises e estudos, mais especificamente o distrito de Arembepe, foi motivada pelo destaque que a área nos últimos anos tem apresentado, tendo como principal objetivo fomentar e consolidar a área como polo turístico nacional e internacional. Observando a contradição existente entre a utilização do meio ambiente como principal mercadoria e a sua degradação ocasionada pelo desenvolvimento dessa atividade e como a comunidade local é afetada.

Introdução

O espaço geográfico modifica-se e configura-se de forma a priorizar determinados interesses das relações humanas característicos de uma época, abarcando pelo menos três níveis básicos, segundo Milton Santos (1988), sendo eles o econômico, o cultural-simbólico e o político. Essas relações são claramente perceptíveis quanto aos impactos decorrentes da atividade turística.

Podemos entender o turismo, de forma holística, como o estudo do homem longe de seu local de residência, da indústria que satisfaz suas necessidades e dos impactos que ambos, ele e a indústria, geram sobre os ambientes físicos, econômicos e sócio-cultural da área receptora.

Essas alterações podem ser analisadas do ponto de vista benéfico para o desenvolvimento econômico da área, sendo uma “oportunidade” para a população local, no sentido de melhoria da renda familiar, principalmente se essa análise for realizada apenas por dados estatísticos e índices econômicos, o que muitas vezes não revela a realidade. Entretanto, a atividade turística pode proporcionar a determinados lugares e regiões impactos ambientais e sociais negativos, se não for desenvolvida de forma adequada, levando em consideração as particularidades ambientais e culturais dos respectivos locais.

E ter conhecimento do espaço é de fundamental importância para a sociedade, pois permite saber da integração existente entre os elementos físicos e humanos, e que a utilização deles podem influenciar direta e/ou indiretamente, positiva ou negativamente os processos naturais, se faz necessário principalmente no desenvolvimento de atividades econômicas que utilizam dos elementos naturais como principal recurso. No caso do turismo na modalidade sol e mar, os recursos naturais são os principais motivadores da intensificação de seus fluxos e aumento de seus fixos ao longo do território.

A faixa litorânea do município de Camaçari é um dos locais do Estado da Bahia em que o sistema de turismo se desenvolveu e se consolidou com grande destaque no cenário nacional e internacional, isso sem dúvida em virtude de suas características naturais.

Procedimentos metodológicos

Este procedimento corresponde à primeira etapa da elaboração do trabalho. A qual teve como objetivo central, coletar informações ambientais, culturais e sociais, que possibilitassem a caracterização da área de estudo, no caso o distrito de Arembepé. A segunda etapa do trabalho foi dedicada à pesquisa de campo, onde foram coletadas informações que possibilitassem a sua caracterização atual. Foram aplicados questionários, aos moradores, com o objetivo de identificar a percepção dos residentes em relação às modificações (principalmente ambientais) ao longo dos últimos anos. Também foram aplicados questionários aos turistas e comerciantes da região. A atividade também consistiu na documentação fotográfica da área, como o objetivo de ilustrar as principais características e impactos da comunidade.

Arempé: Refúgio

Assim como outras comunidades de Camaçari, município que faz parte da região metropolitana de Salvador, Arempé destaca-se pelos seus aspectos naturais associados a sua rica produção cultural.

De acordo Carolina Dantas e Bárbara Falcón (2010), sua própria denominação – Arempé - pode ser considerado como propaganda da área, pois

Arempé traduz uma expressão tupi-guarani e quer dizer: “aquilo que envolve”. Encanta e envolve pela natureza inspiradora, mas, principalmente, pelo “caldeirão” de influências, que lhe confere peculiaridade. São heranças culturais diversas,

presentes nas características do modo de viver dos moradores. (DANTAS; FALCÓN. 2010, p. 6).

A atividade turística teve início na região com maior destaque a partir da década de 60. Tal atividade era essencialmente realizada por famílias com alta renda, pois o acesso às praias paradisíacas era elevado, sendo realizado principalmente por veículo próprio, dificultando assim o acesso da população das classes menos abastadas. A prática de possuir uma segunda residência na localidade era comum por parte desse grupo, já que para passar o período de veraneio, Arembepe não possuía uma infraestrutura de suporte, contando com apenas um hotel.

Nesse período Arembepe contava com cerca de 2.180 moradores os quais, na sua grande maioria, tinha como principal fonte de renda as atividades relacionadas diretamente à natureza, como por exemplo, a pesca.

Os aspectos naturais da região também atraíram um grupo social que procurava a ideologia de retorno à natureza, o movimento hippie.

Um das versões de como se originou a aldeia hippie (Foto 1 e 2) afirma que

“a aldeia Hippie foi criada durante a década de 60, quando mentes livres da juventude, influenciadas pelo festival Woodstock, pela Tropicália e outros movimentos vieram para Arembepe. Onde hoje está situada a Aldeia Hippie era originalmente a Fazenda Caratingui, divisa com a Fazenda Arembepe. Os vaqueiros construíram a primeira cabana de palha para descansar e preparar as refeições. Após a venda da fazenda, as barracas permaneceram. Os hippies chegaram em grupos. Eles ocuparam as cabanas da aldeia, que começou a crescer.” (WINCK, 2010, pg 23).

Com o passar dos anos outra parcela da população, agora de perfil econômico mais baixo, começa a “descobrir” e frequentar a localidade. Segundo o Plano Piloto da Orla Marítima “devido a essa invasão de hippies e dos farofeiros (pessoas que levam seus farnéis prontos para a praia) a frequência a Arembepe tornou-se mais popular que elitista”.



Foto 1: Aldeia Hippie
Fonte: Setur-Ca



Foto 2: Comunidade Hippie
Fonte: Setur-Ca

Ao longo da história da localidade a religião católica sempre esteve presente através da devoção dos moradores, isso contribuiu para a realização da festa de Arembepe em homenagem ao padroeiro da comunidade, São Francisco de Assis. A festa acontece na segunda semana de março, realizada pela primeira vez na década de 30, como forma de agradecimento e homenagem ao santo protetor dos que tiravam o sustento do mar.

Segundo Dona Joana F. Souza, 76 anos, moradora de Coqueiro de Arembepe, zona rural da localidade

“nós nos divertíamos muito! Aqui tinha o Terno do Boi. No tempo do Natal, a gente saía pelas casas e ninguém dormia. No São João tinha muito samba e ‘cumpadi de fogueira’. Um ficava da lá, outro de cá, aí um pulava para o lado e o outro pulava para o outro, aí viravam compadres. [...] Eu já fiz muita festa em minha casa. Eu rezava Nossa Senhora das Candeias, até hoje tenho ela. A gente fazia no mês de janeiro, tinha viola e samba dentro de casa e a festa num barracãozinho que nós fizemos. Eu matava um porco, fazia uma feijoada, vinha muita gente que brincava a noite inteira. De amanhã cedo a gente oferecia um caçua de manga e bebia muito, aí os meninos melavam ele todo de visgo de jaca e colavam as bandeirinhas nele, depois ela dançava o Boi.

Com o objetivo central de direcionar os investimentos para o desenvolvimento econômico, entre elas o turismo, na década de 70 foi elaborado o Plano Diretor da Orla Marítima, uma parceria entre diversos órgãos do poder público (CONDER, Prefeitura Municipal de Camaçari, entre outros) já observando o vetor de crescimento em direção ao litoral norte do Estado.

Outra atividade desenvolvida nesse período na comunidade era a atividade pesqueira. Segundo os moradores mais antigos era a principal fonte de renda para as famílias que viviam em Arembepe. Antônio Carlos, filho de pescador, afirma que

“ os mais jovem não querem, e na verdade nem pensam, em seguir a profissão dos pais e dos avós. Hoje pelo fato do acesso a escola ser mais fácil e pelo surgimento de outras oportunidades, como as industriais os jovem não se interessam”

Dessa forma fica clara a importância de um planejamento e de uma fiscalização rigorosa, principalmente com o aumento progressivo do fluxo turístico em áreas que oferecem a natureza como principal atrativo.

AREMBEPE: polo turístico

Desde o surgimento e crescimento do turismo na Grã-Bretanha na segunda metade do século XIX, os meios de transportes são os principais fatores de motivação para o aumento do fluxo turístico de massa. Na Grã-Bretanha através do transporte ferroviário e aqui através da construção e pavimentação de vias rodoviárias e pela facilidade do acesso ao transporte aéreo.

Na região metropolitana de Salvador não aconteceu diferente. A partir da pavimentação de estradas, como a Linha Verde (Ba- 099), foi possível e mais acessível que a população de baixa renda conhecesse e frequentasse os aproximadamente 7 km de praias da comunidade de Arembépe.

O Nordeste brasileiro inseriu-se no processo econômico que tem o turismo como grande arrecadador financeiro. Para Silva (2001), “com efeito, o Estado da Bahia, como parte do Nordeste brasileiro, constitui-se em uma unidade econômica-espacial tradicionalmente definida como periférica no sistema regional do País e, por conseguinte, na macro-organização espacial em nível global.”

A partir da década de 90, com a consolidação da segunda etapa da Ba-099 e do desenvolvimento do PRODETUR-NE que possibilitou a implementação de equipamentos urbanos de infraestrutura, o qual atraiu o capital privado através de investimentos em empreendimentos de suporte para o setor de lazer, reaquecendo a atividade de especulação imobiliária, tanto por parte dos agentes do capital estrangeiro quanto da população da capital baiana e de sua região metropolitana advinda de outras cidades e estados para exercer atividades no setor industrial que se expandia no município.

Camaçari começa a se destacar no cenário econômico do estado da Bahia, com a instalação e fortalecimento do setor secundário em seu sítio. Porém, isso vai influenciar direta e indiretamente outros setores, como o de serviços, já que para dar suporte ao setor industrial se fez necessária a construção de uma infraestrutura básica (transportes, hotéis, etc.) para atender o novo perfil econômico da região.

Para fomentar o turismo, os órgãos governamentais em conjunto com a iniciativa privada desenvolvem diversos projetos na tentativa de crescimento da atividade turística, entre eles o denominado "Caminhos dos Sete Paraísos", onde os atributos que ganham maior destaque do *marketing* para atrair os visitantes são os elementos físicos e as atividades a eles relacionadas, como por exemplo, banho em lagoas, mergulho, trilhas, etc. Assim se refere o site da Secretaria de Turismo do município: "Jauá um verdadeiro paraíso são a sua paisagem repleta de dunas e piscinas naturais" (CAMAÇARI, 2009).

A partir daí, Arembepe começa a ganhar destaque mundial pelo número de visitantes famosos no cenário nacional e internacional que chegam para usufruir das suas “belezas naturais”. Com o passar do tempo outros investimentos públicos e privados (hotéis, restaurantes, pousadas, etc.) se instalaram na região impulsionando as atividades de serviços para atender o aumento da demanda de consumidores.

A infraestrutura que contava apenas com 1 hotel na década de 70, hoje conta com cerca de 700 leitos, distribuídos entre hotéis, pousadas, hostels e chalés. Além de uma infraestrutura direcionada, como por exemplo, hotel que tem como público alvos os homossexuais.

É possível perceber também um importante fator de mudança física, onde se verifica o deslocamento populacional causado pela privatização e controle de recursos de uso comum, fortalecendo a especulação imobiliária da área. Esse fator tem entre muitas consequências o desenvolvimento do espaço urbano em áreas que deveriam ser protegidas pela legislação ambiental, como as áreas de dunas ou em áreas de proteção ambiental, por exemplo (Figura 3 e 4).

“A expansão imobiliária ao longo do litoral vem causando um decréscimo significativo no número de pessoas que se ocupam da pesca, pois com a entrada de um novo mercado, os pescadores tendem a abandonar seu ofício, trocando por outro “menos arriscado”. O problema é que se tornam subempregados da construção civil, caseiros, vigias ou assumem outras funções. A atividade turística apesar dos apelos no sentido de geração de emprego e renda, na realidade, jogam as comunidades locais ao empobrecimento gradual pela não absorção da mão-de-obra nativa que marginalizada e abalada culturalmente, partem para a luta desigual pela sobrevivência”. (Forum do litoral, 1995: 8)



Foto 3: Residência sendo construídas em Arembepe NA AREA DA APA.
Fonte: Jéssica Santos



Foto 4: Residências sendo construída em Arembépe.
Fonte: Jéssica Santos

Tal situação contribui para a ilegalidade de alguns serviços, como o fornecimento de energia, que é feito em algumas áreas a partir de ligações clandestinas, os chamados “gatos” (Figura 5 e 6).



Foto 5: Ligação clandestina de energia
Fonte: Jéssica Santos



Foto 6: Ligação clandestina de energia
Fonte: Jéssica Santos

A atividade turística, como já mencionado, vem ganhando destaque nas últimas décadas, mas uma modalidade de turismo também vem crescendo nos últimos anos, o chamado ecoturismo, que tem como objetivo criar uma aproximação direta entre o homem e a natureza.

Ceballos-Lascurain (1995) explicita que

[...] o ecoturismo como componente essencial de um desenvolvimento sustentável, requer uma abordagem multidisciplinar, uma planejamento cuidadoso (tanto físico como gerencial) diretrizes e regulamentos rígidos, que garantam um funcionamento estável. Somente através de um sistema intersetorial, o ecoturismo poderá, de fato, alcançar seus objetivos. Os governos, empresas privadas, as comunidades locais e as organizações não-governamentais, todas tem um importante papel a desempenhar (CEBALLOS-LASCURAIN, 1995, p. 26).

Eixo Temático 4 – Turismo em áreas litorâneas: contextos e implicações

Notadamente a participação da comunidade no processo de planejamento e/ou desenvolvimento de qualquer atividade é de extrema importância para que o crescimento econômico não seja feita de forma vertical, onde os grandes empresários sejam os únicos beneficiários do possível retorno financeiro que o investimento no setor turístico pode proporcionar. Pois tais modificações podem influenciar o cotidiano da população local, como por exemplo, aumento da produção de lixo, movimento de veículos e pessoas juntamente com a crescente poluição (sonora, do solo, das águas, etc.), principalmente na época de alta temporada, que corresponde aos meses de verão (dezembro a março).

Entre os impactos causados a partir da intensificação do turismo na região, podemos destacar também a falta de uma consciência ecológica por parte dos frequentadores da área e até mesmo por parte dos próprios moradores. É possível encontrar ao longo de alguns trechos lixo espalhado pelas ruas e também acumulado de forma inapropriada (Fotos 7 e 8). Esse fato acentua-se principalmente nos fins de semanas do verão, onde o fluxo de visitantes é mais intenso.



Foto 7 Lixo encontrado nas ruas
Fonte: Jéssica Santos

Eixo Temático 4 – Turismo em áreas litorâneas: contextos e implicações



Foto 8: Lixo acumulado de forma inapropriada
Fonte: Jéssica Santos

Segundo Rita de Cássia, moradora da região a 42 anos “o turismo é uma coisa boa para Arembepe, principalmente para quem é comerciante, pois aumenta a clientela. Mas existem muitos que não contribuem para manter o lugar limpo, jogam lixo em todo lugar, principalmente na praia”. Existe uma preocupação por parte do governo, em pelo menos chamar atenção da comunidade e dos visitantes para a preservação ambiental (Foto 9).



Foto 9: Outdoor instalado na entrada da comunidade de Arembepe.
Fonte: Jéssica Santos

Entretanto, tal medida não é o suficiente para a criação de uma consciência ambiental sustentável coletiva da população. Porém existe na comunidade alguns

Eixo Temático 4 – Turismo em áreas litorâneas: contextos e implicações
projetos com esse objetivo, onde podemos destacar o Projeto Tamar que possui uma unidade na área.

O Projeto tem como meta preservar as espécies de tartarugas marinhas que ocorrem no Brasil e que estão ameaçadas de extinção. Por coincidência o período de desova das tartarugas na região coincide com o período de alta temporada turística (setembro a março) requerendo uma maior atenção por parte dos pesquisadores que monitoram os ninhos (Foto 10 e 11). O projeto também tenta integrar a comunidade nas atividades. Segundo a bióloga Kellyn Carneiro *“fizemos entrevistas com as pessoas da comunidade para saber da ocorrência das tartarugas. Desde o início, a comunidade é mobilizada pelo Tamar e hoje a gente tenta aprimorar as atividades com a comunidade, através de projetos sociais”*.



Foto 10: Projeto Tamar
Fonte: Jéssica Santos



Foto 11: estaca indicativa de ninho de tartaruga.

Eixo Temático 4 – Turismo em áreas litorâneas: contextos e implicações

Fonte: Jéssica Santos.

Recentemente foram inaugurados na localidade alguns equipamentos de infraestrutura desenvolvidos no projeto de revitalização de Arembepe, com o objetivo de potencializar a economia local principalmente através da economia gerada pela atividade turística. Reforma de praças, sinalização de vias e pontos turísticos, além da criação de um posto de informações turísticas. (Foto 12 e 13).



Foto 12: Posto de Informações turísticas.
Fonte: Jéssica Santos.



Foto 13: Praça dos Coqueiros.
Fonte: Setur de Camaçari.

Outra meta do governo municipal para atração turística é consolidar a festa em homenagem ao padroeiro local, São Francisco de Assis, como um grande evento de encerramento do ciclo de festas populares da Bahia. Conhecida como a Lavagem de Arembepe, a parte profana da festa vem desde a década de 70 sendo foco dos investimentos públicos e privados.

Para a comunidade eventos como esse pode ser uma oportunidade de complementação da renda. Segundo a comerciante Neide Capinam, “*Nos eventos populares conseguimos um dinheiro a mais no orçamento*”.

Porém, apesar de ser um fator positivo para o desenvolvimento da economia local, a festa também mostra seus aspectos negativos. Segundo a moradora D. Maria “a



**III SEMINÁRIO NACIONAL
ESPAÇOS COSTEIROS**
04 a 07 de outubro de 2016

Eixo Temático 4 – Turismo em áreas litorâneas: contextos e implicações
 festa sempre foi um momento muito importante para a comunidade, momento de agradecer ao nosso padroeiro, mas essa parte fica ofuscada pela politica e pela festa. “

Dessa forma, torna-se imprescindível a parceria entre desenvolvimento e preservação socioambiental, para chegar assim ao tão esperado e teorizado desenvolvimento sustentável.

Considerações Finais

Este trabalho teve como objetivo relacionar essencialmente três fatores: crescimento econômico baseado no alargamento da atividade turística, intensificação do processo de urbanização e percepção dos moradores diante dessas modificações.

Dessa forma foi possível perceber que com certeza a comunidade de Arembepe é a “menina dos olhos” do poder público na região em relação ao turismo. Pois tal localidade possui elementos naturais que podem ser transformados em atrativos de consumo para o atual perfil da população, principalmente para os que vivem em grandes centros urbanos, onde o cotidiano é estressante em virtude do trabalho, violência, trânsito, etc. A busca por ar puro, temperaturas agradáveis, contato com a vegetação e animais são alguns produtos vendidos aos clientes, no caso o turista.

Além dos aspectos naturais, outro produto vendido é a rica produção cultural local, manifestações como a chegança feminina, manifestações religiosas como a lavagem em homenagem ao padroeiro, a vida alternativa do movimento hippie na aldeia são alguns exemplos.

Porém, tal atividade se não for feita de forma planejada e abrangendo a comunidade nativa pode causar impactos ambientais e sociais negativos. Tal qual a perda de manifestações tradicionais como a do terno do boi, a ocupação residencial em áreas irregulares, a contaminação da água e do solo pela falta de destinação adequada dos resíduos, etc.

É importante lembrar que o ideal para o desenvolvimento, em qualquer setor, é que ele seja feito de forma sustentável, pensando no futuro e não apenas no presente. No que diz respeito a área isso se torna mais essencial, devido ao fato de que os elementos naturais e socioculturais lhes configura uma singularidade, que se torna foco para o



III SEMINÁRIO NACIONAL
ESPAÇOS COSTEIROS
04 a 07 de outubro de 2016

Eixo Temático 4 – Turismo em áreas litorâneas: contextos e implicações desenvolvimento turístico. Daí a contradição que existe nesse setor: o consumo intenso (ou até mesmo a destruição) da mercadoria que atrai mais visitantes. Como exemplo disso podemos citar a retirada da vegetação para a especulação imobiliária, esgoto jogado *in natura* nas águas dos rios e mares, como observado em alguns pontos.

Desta forma, assim expostas as informações, é possível concluir, que no caso específico, o poder público faz investimentos na área para o fortalecimento e solidificação do turismo como principal vetor de desenvolvimento da mesma. Porém, ainda falta um investimento no que tange a preservação, especialmente ambiental, da região através de campanhas de conscientização dos moradores e dos turistas principalmente no período de alta temporada.

Referências

ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS (AGB). VI Encontro Regional de Estudos Geográficos: **Nordeste: Turismo, Meio Ambiente e Globalização**. Associação dos Geógrafos Brasileiros/NeoPlanos: João Pessoa/Recife, julho de 1997.

BERTÉ, Rodrigo. Gestão Socioambiental no Brasil. Curitiba: IBPEX, 2009.

CAMAÇARI, Secretaria de Turismo (SETUR). Disponível em: <http://turismo.camacari.ba.gov.br/2016/index.php> Acesso em: abr. 2016.

CEBALLOS-LASCURÁIN, Hector. O ecoturismo como fenômeno mundial. In: LINDBERG, Kreg; HAWKINS, Donaid E. (Orgs.). **Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão**. São Paulo: SENAC, 1995. P 23-29.

CORIOLOANO, Luzia Neide; VASCONCELOS, Fábio Perigão (Orgs.). **O Turismo e a relação sociedade-natureza: realidade, conflitos e resistência**. Fortaleza: EdECE, 20017.

DANTAS, Carolina; FALCÓN, Bárbara. **Arembepe: aquilo que nos envolve**. Rvista ponto Móvel Cidade do Saber. Camaçari, n4, p. 6, set. 2010.

LEMO, Amália I.G. de. (Org.). Turismo: impactos socioambientais. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

LOPES, José Lidemberg de Sousa; KELTING, Fátima Maria Soares. Vislumbrando Paisagens. 1 ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora Ltda, 2011.



III SEMINÁRIO NACIONAL
ESPAÇOS COSTEIROS
04 a 07 de outubro de 2016

Eixo Temático 4 – Turismo em áreas litorâneas: contextos e implicações

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado**: fundamentos Teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo. Hucite, 1988.

_____. **A Urbanização brasileira**. 5 ed. São Paulo: Editora da Unvesidade Federal de São Paulo, 2009.

URRY, John. **O Olhar do Turista: Lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. TRadução Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo; Studio Nobel, 1996.